

IMAGENS DA LOUCURA NA POESIA DE CARLOS ANÍSIO MELHOR

Ricardo Emanuel Lago e Silva¹ Aleilton Santana da Fonseca²

¹ Bolsista FAPESB, Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, ricardolago17@yahoo.com.br

² Orientador, Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. aleilton50@yahoo.com.br

Palavras-chave: Poesia. Memória. Bahia.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, estudam-se os aspectos de imagens da loucura na poesia do poeta baiano Carlos Anísio Melhor Filho, (1935-1991). Procede-se preliminarmente a uma contextualização do autor, situando o ambiente cultural em vários livros do autor, destacando-se, entre outros, *Canto agônico*, 1982 e *O espelho das horas*, publicado postumamente em 1998, considerando os temas do fazer poético propriamente dito, e também diálogos intertextuais. Para tanto, recorre-se a um instrumental teórico constituído por Roland Barthes (1974), além de Octavio Paz (1982). Em seguida, trabalha-se a questão na literatura de Mikhail Bakhtin (1997) e as teses da carnavalização. Postula-se que a poesia de Carlos Anísio Melhor Filho, apresenta sintonia com a produção contemporânea em alguns dos seus aspectos mais representativos. Poeta das horas nostálgicas, Carlos Anísio, delira entre as paredes dos manicômios onde esteve internado na capital baiana. Destilando lirismo por todos os poros, o poeta, filho do educador baiano Carlos Anísio Melhor, natural de Nazaré das Farinhas, recôncavo baiano, trilha a trajetória dos eleitos pela poesia a conduzir a tocha onírica da simplicidade. Na juventude fez parte da Geração Mapa, sob a liderança de Glauber Rocha responsável pela publicação da revista de mesmo nome e inspirada num poema de Murillo Mendes da época. É com satisfação que apresentamos Carlos Anísio Melhor.

Palavras-chave: Poesia. Memória. Bahia.

METODOLOGIA

A Bahia, pólo cultural incontestável de todas as artes, e no caso deste estudo em questão, é a primeira na produção poética no Brasil, então capital do País, Salvador, na boca e na pena de Gregório de Mattos de Guerra, o Boca do Inferno. Mais na frente, outros poetas surgiram no cenário nacional, notadamente no Movimento Arcadista, com Cláudio Manoel da Costa e José Santa Rita Durão, entre outros. Logo em seguida será a vez do Romantismo, que está dividido em três fases, sendo a primeira tendo a frente Antônio Gonçalves Dias como seu principal representante, a segunda fase com Casemiro de Abreu e Fagundes Varela, dentre outros e a terceira e última fase, a Condoreira, com o baiano Antônio Frederico de Castro Alves como o seu maior representante. Tendo como mola mestra dentro desse processo histórico literário a poesia baiana, por ironia do destino, tantos anos depois, Salvador foi palco durante as

décadas de 60 e 70, de uma movimentação cultural em todas as artes, para expressar as expectativas dos seus integrantes.

Sobre Carlos Anísio Melhor, podemos dizer que ele é herdeiro da primeira fase do Modernismo brasileiro, movimento que eclodiu em fevereiro de 1922, em São Paulo, com ressonâncias do Romantismo e do Simbolismo. Os poetas brasileiros se inspiraram na vanguarda europeia, no Dadaísmo, Cubismo, futurismo, Surrealismo, apropriando-se ainda do expressionismo e das vertentes filosóficas em voga na época, a exemplo do Existencialismo. Como Carlos Anísio se situa inicialmente a partir da segunda metade dos anos 50 e toda a década de 60 no plano cultural, sendo que nas décadas de 70 e 80, são anos de projeção de uma imagem consolidada de poeta e homem de cultura, desde que continua atuante até perto de sua morte em 1991.

Neste ambiente se destaca a Geração Mapa, em que se revelaram nomes importantes da Cultura nacional, a exemplo de Glauber Rocha, Fernando da Rocha Perez, Fernando Batinga, Florisvaldo Mattos, Affonso Alves Dias Manta, primo em quarto grau, por parte paterna do poeta abolicionista Castro Alves. Carlos Anísio Melhor também fez parte da referida Geração Mapa e que nos propomos a pesquisar neste trabalho. Foi funcionário da Biblioteca Municipal de Salvador e atuou também como jornalista. A maioria dos seus poemas foi escrita em sanatórios de Salvador, onde esteve internado várias vezes para tratamento especializado. Nascido em Nazaré das Farinhas, em 20 de abril de 1935 e falecido em Salvador em 20 de junho de 1991. Seu único livro publicado em vida, *Canto agônico*, publicado em 1982 e com apresentação do seu companheiro de grupo poético, João Carlos Teixeira Gomes, Carlos Anísio Melhor passa para a problemática posteridade na literatura brasileira como um de seus mais expressivos poetas. Boêmio, alcoólatra, declamava seus poemas nos bares de Salvador e alguns deles foram anotados por amigos e outros recolhidos das colaborações em jornais. "Mas depois surgiram diversos inéditos que ainda aguardam organização e edição."

Segundo o escritor e poeta baiano Ruy Espinheira Filho, Carlos Anísio Melhor era uma "figura carismática, grande declamador, reunia em torno de si os jovens e velhos intelectuais da Bahia, transformando-se em pouco tempo numa espécie de mito angelical da poesia." Diversas vezes internado em sanatórios e hospitais - alguns poemas são datados destes ambientes - Carlos Anísio Melhor aparece na Enciclopédia de Literatura Brasileira, como "poeta maldito, com uma agudeza e penetração de vidente, fragmentárias iluminações, momentos privilegiados que revelam o mais profundo de situações suas." Com forte poder de captação verbal, ao nível de uma linguagem serena e contundente. Se alguém quisesse cobrar-lhe o "saber fazer" versos, é só ler seus sonetos, os de timbre clássico e os de versos brancos, bem à moda emblemática da Geração de 45.

RESULTADOS: O trabalho elaborado traz à tona o debate da importância das representações literárias e poéticas no cenário cultural baiano do último quartel do século XX, além do resgate da memória do autor e da sua obra. A viabilidade só se tornou possível pelo fato de ainda existirem os livros do autor e farto material teórico específico a respeito do enfoque que se pretende dar ao trabalho.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997.

CORA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, Glória. **Arte como questão: anos 70**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009. 429 p.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. Marise Amione. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

GOMES, João Carlos Teixeira. **A Tempestade Engarrafada**. Empresa Gráfica da Bahia, 1995.

GONZAGA, Sergius. **Literatura Marginal**. Porto Alegre: UFRS, 1981.

JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da Crítica - Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, Biblioteca Pierre Menard.

LAUTRÉAMONT. **Cantos de Maldoror**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

MELHOR, Carlos Anísio. **Canto agônico**. Salvador: Fundação Cultural, 1982.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savari. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SILVA, Ricardo Emanuel Lago e.: **Eu que me invento outro: um estudo do livro Escritura da palavra e do som - de Paulo Garcez de Sena, 2014**. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2014.

TAVARES, Simone Lopes Pontes. **A paixão premeditada**. Salvador-Bahia. Fundação Cultural/IMAGO. 2000.